

O voto dos trabalhadores nos republicanos

As pessoas não simplesmente arrancam suas raízes e vão caçar emprego noutra lugar

Por Eric Posner

Valor, 31/10/2024

Uma característica marcante da política dos Estados Unidos hoje é a fuga dos “trabalhadores” - ou seja, em geral operários ou funcionários - do Partido Democrata. Durante muitas décadas após o New Deal, os democratas eram o partido que defendia os sindicatos, a segurança no local de trabalho e o salário-mínimo, e os republicanos eram os campeões das empresas.

No entanto, segundo o Gallup, a proporção de republicanos que se identificam como “classe trabalhadora” ou “classe baixa” cresceu de 27% em 2002 para 46% atualmente, enquanto a parcela de democratas da classe trabalhadora caiu ligeiramente (de 37% para 35%). Além disso, enquanto 46% dos eleitores brancos de famílias sindicalizadas apoiavam os democratas em 1968, essa proporção caiu para cerca de 33% em 2020, quase empatando com os republicanos. Desde a década de 1990, as pessoas em locais mais pobres e da classe trabalhadora têm preferido cada vez mais os republicanos aos democratas.

A explicação comum para essa mudança é o surgimento do “neoliberalismo”: a ideologia pró-mercado que prevaleceu nos círculos políticos da década de 1980 até o início dos anos 2000. Os neoliberais promoveram a desregulamentação e a globalização por meio do apoio ao livre comércio, fluxos irrestritos de capital e migração máxima. Embora os republicanos tenham promovido as políticas neoliberais com mais afinco do que os democratas, os democratas acabaram adotando-as. Uma vez que os partidos já não divergiam muito em relação às políticas econômicas, os trabalhadores se voltaram para os republicanos, que eram mais receptivos às suas preocupações religiosas e morais, sobretudo sua hostilidade à imigração.

Alguns culpam os democratas por confiarem demais nos economistas. Mas a ciência triste (termo pejorativo para se referir à economia) em si não foi o problema. Um diagnóstico mais preciso é que as políticas neoliberais refletiam certas suposições peculiares feitas por um grupo de economistas especialmente influentes, embora outros observadores, mesmo dentro da economia, sempre reconhecessem as falhas em sua abordagem.

Por exemplo, um pressuposto neoliberal sustenta que os mercados de trabalho são quase sempre competitivos. Essa visão teve implicações políticas de longo alcance, pois os custos das políticas neoliberais, como o livre comércio, estão concentrados entre os trabalhadores dos setores expostos ao comércio. Até recentemente, supunha-se que os custos para esses trabalhadores deveriam ser menores. Os trabalhadores não qualificados encontrariam novos empregos com o mesmo salário e, embora os mais qualificados pudessem sofrer algumas perdas, eles poderiam usar suas habilidades em outros setores ou receber capacitação financiada em parte pelo governo.

Em vez disso, pesquisas recentes confirmam o que muitos não economistas chamariam de senso comum: perder o emprego tem efeitos psicológicos e financeiros devastadores. Os mercados de trabalho, ao contrário da maioria dos mercados de produtos, são locais. As pessoas não simplesmente arrancam suas raízes e vão caçar emprego noutra lugar; e os empregos são muito mais importantes para as pessoas do que bens ou serviços. O fechamento de uma fábrica em uma pequena comunidade pode destruir essa comunidade, e não só os meios de subsistência de seus funcionários.

Uma hipótese relacionada é que as políticas econômicas devem ser adotadas se sobreviverem a um teste de custo-benefício. No entanto, embora esta análise seja uma ferramenta essencial para a avaliação de políticas, ela fornece uma orientação ruim quando usada de forma superficial. Desde a década de 1980, os formuladores de políticas de órgãos como a Agência de Proteção Ambiental têm sido obrigados a realizar uma análise de custo-benefício sempre que emitem regulamentações, e esses cálculos quase sempre minimizam o impacto sobre os empregos.

Por exemplo, uma regulamentação bem-intencionada que reduz a poluição considera os benefícios para a saúde dos cidadãos e os custos de conformidade dos poluidores, mas não os efeitos sobre os que perderão empregos devido à mudança na política. É provável que essa omissão também se baseie na falsa suposição de que os mercados de trabalho são invariavelmente competitivos e que os trabalhadores sempre podem mudar de emprego a um custo baixo.

Essa mesma suposição também levou os democratas a diminuir seu apoio aos sindicatos. No passado, os sindicatos eram amplamente considerados como campeões da classe trabalhadora. Para a mente neoliberal, isso era impossível. Se os mercados de trabalho são competitivos, então os prêmios salariais obtidos pelos sindicatos só poderiam aumentar os preços ao consumidor e reduzir a produção econômica. Hoje, o valor dos sindicatos está sendo reconsiderado. Quando os empregadores têm poder de mercado, os sindicatos podem ser o melhor meio de melhorar o bem-estar dos trabalhadores sem sacrificar a eficiência econômica.

A economia foi gravemente manchada por seu papel de protagonista na ascensão do neoliberalismo. A ironia é que a economia acadêmica nunca endossou a análise de custo-benefício, porque não há base neutra ou científica para justificar políticas que beneficiam algumas pessoas e prejudicam outras. A longa busca por um critério neutro se esgotou na década de 1970, quando os economistas enfim perceberam que os critérios de avaliação de políticas se baseiam em premissas morais, e não econômicas. Desde então, a literatura econômica revisada por pares raramente permite argumentos normativos, pois isso prejudicaria as ambições científicas da disciplina.

No entanto, os economistas normalmente (e muitas vezes de forma impensada) se baseiam na análise de custo-benefício ao prescrever políticas e, como o público e os políticos não fazem distinção entre o debate “acadêmico” e o “político”, os fracassos das políticas econômicas diminuiriam a credibilidade dos economistas. Esses acontecimentos também alimentaram o ceticismo do público em relação a especialistas e tecnocratas de todos os tipos.

De fato, durante grande parte do período neoliberal, muitos economistas importantes reconheceram a rigidez e a falta de concorrência dos mercados de trabalho. No entanto, só recentemente eles começaram a avançar contra a tese de que os mercados de trabalho são competitivos. Suspeita-se que os iminentes fracassos atribuídos ao neoliberalismo - aumento da desigualdade, devastação das áreas rurais, polarização política, instabilidade financeira - finalmente proporcionaram um caminho para que as opiniões dissidentes chegassem aos formuladores de políticas.

Há uma ironia dolorosa para os democratas que nunca tiveram a intenção de abandonar os trabalhadores e acreditavam que as políticas neoliberais os ajudariam reduzindo preços e aumentando o crescimento econômico. Agora, embora os republicanos tenham feito muito menos pelos trabalhadores, os eleitores da classe trabalhadora cada vez mais presumem que o Partido Democrata não se importa com eles, que se tornou o partido das elites - ou seja, exatamente como os republicanos. **(Tradução de Fabrício Calado Moreira)**

Eric Posner, professor da Faculdade de Direito da Universidade de Chicago, é autor de “How Antitrust Failed Workers”. Copyright: Project Syndicate, 2024.